

DETERMINAÇÕES RADIOMÉTRICAS U/Pb SHRIMP NA FAIXA RIBEIRA PARA A FORMAÇÃO IPORANGA (SP)

Campanha, G.A.C.(1); Basei, M.S.(1); Tassinari, C.C.(1); Nutman, A.P.(2); Faleiros, F.M.(3)
 (1) Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo.

(2) Research School of Earth Sciences, Australian National University, Canberra, Austrália.

(3) Doutorando do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, bolsista Fapesp.

Zircões separados de rocha metavulcânica sotoposta à Formação Iporanga, bem como de clastos de granitos inclusos na brecha polimítica basal desta unidade, foram analisados pelo método U/Pb *SHRIMP* (*Sensitive High Resolution Micro-Probe*), instalado nos laboratórios da Research School of Earth Sciences, Australian National University, Canberra, Austrália. A Formação Iporanga constitui-se numa faixa estreita e longa, ocorrente na Faixa Ribeira no sudoeste do Estado de São Paulo, com possíveis correlatos no Estado do Paraná. Constitui-se essencialmente de metarrítmitos finos (metaturbíditos), com intercalações de metarenitos, metarcóseos, metaconglomerados e metabrechas polimíticas. Ocorrem também metarrítmitos com contribuição carbonática, na forma de bandas e lâminas carbonáticas impuras. O grau metamórfico é baixo (zona da clorita), a deformação intensa, com o acamamento transposto com dobras intrafoliais e uma clivagem intensa subparalela, apresentando uma estruturação principal empinada com direção NE e mergulho para NW. Mostra contato tectônico através de zona de cisalhamento inversa (Lineamento da Figueira) com a plataforma carbonática do Subgrupo Lajeado, a noroeste. Com o restante do Subgrupo Ribeira, a sudeste, apresenta em parte contato discordante, com a brecha polimítica basal sobreposta a metargilitos e metavulcânicas, e em parte tectônico, dado pela zona de cisalhamento Agudos Grandes. A brecha polimítica basal apresenta clastos de metargilitos, metarrítmitos, filitos (alguns com clivagem metamórfica interna anterior), quartzo, quartzitos, metarenitos, metarenitos microconglomeráticos, metaconglomerados oligomíticos, anfibolitos, vulcânicas (que ocorrem também sotopostas), gnaisses e granitóides. Foram realizadas doze análises pontuais em zircões da metavulcânica, e seis em zircões de dois clastos de granito, tanto em núcleos como em bordas. A orientação para localização dos *spots* de análise foi feita através de imagens de catodoluminescência. Os resultados plotados em diagrama Tera-Wasserburg mostraram-se subconcordantes, distribuídos em grupos com idades distintas. No caso da metavulcânica, obteve-se idades bastante variadas, de arqueanas até cambrianas, atestando a presença de grãos reliquias herdados. No entanto, um grupo consistente de zircões mostrou idades do final do Neoproterozóico, tanto em núcleos como em bordas, com média ponderada das idades $^{206}\text{Pb}/^{238}\text{U}$ de 573 ± 34 Ma, idade esta interpretada como de cristalização da rocha. Os grãos herdados mostram grupos com idades aproximadas de 2660, 2200 - 1600, e 750 - 650 Ma, mostrando a variedade de idades das áreas-fonte. Os zircões provenientes dos seixos de granito mostraram idades relativas ao final do Neoproterozóico, com média ponderada das idades $^{206}\text{Pb}/^{238}\text{U}$ de 593 ± 15 Ma. Estes resultados conferem uma idade máxima para a sedimentação da Formação Iporanga. Representam inclusive idades mais novas que as obtidas para os granitos Itaóca e Apiaí, e o Gábro de Apiaí, intrusivos no Subgrupo Lajeado, adjacente e em contato tectônico com a Formação Iporanga.